

— Daniel Maia-Pinto Rodrigues —

A PRÓXIMA COR



Prémio Foz Côa, 1986 (no encontro nacional de Poesia)

Menção Honrosa Novos Valores da Cultura,
atribuída pelo Ministério da Educação e Cultura, 1988





Descem pelas colinas os animais que sonhas.
São grandes ruminantes fulvos
e descem cheios de sol
sobre as relvas.

Ao vento erguem e à claridade as cabeças.
Dir-se-ia serenos compreenderem muito bem
o céu pintado de azul e água.

Depois seguem. Descem mais.
Devagar chegam aos charcos
bebem
saboreiam uvas
deitam-se
certos de que os vais achar belos
e perfeitamente integrados na paisagem.

O lacre no envelope dos sonhos
alastra em aparências de lírio.
Serenidade que afogada no quarto
lambe a luz das cinco e meia.

Penetrante retrocesso.
Desdobrável mesa onde se debruçam
as melhores sombras, os reflexos.

Além das cinco e meia da tarde
há leões no silêncio dos meses
a brincar com tangerinas.

À luz de transitórias cores
os alces partem à frente
para as horas nocturnas,
cientes de que à noite — não sei —
a floresta repassa pelas aldeias.

Talvez prefira os meus mansos groux,
que espalham não sei que cor pelo jardim.

Mergulho nas profundidades do sono
e no escuro oiço as aves na claridade —
são tranças, tropéis de sonoridades a gotejar em leque
na amplitude de recônditos espelhos
da obscuridade guardiã dos aposentos,
reflectindo na minha face as cores novas do arco-íris.

E não são sonhos, cornucópias de fantasia,
nem o vento a norte da imaginação;
são sim envidraçadas portas abertas
quais projecções lilás na melodia do jardim
onde por vezes pela mão do fim da tarde,
difuso, potente berlinde, me encontro a mim.

Há um rio
ou um barco no rio
onde a luz é intensa
e de tanta luz nos olhos e água
com rigor se não sabe
se o barco vai vazio.

De grande porte quando adultos
esparso pelas margens do rio
existem animais de todo fantásticos
bastantes deles roxos ou rosa
afogando pulgas nos terrenos alagadiços
alisando o pêlo e dormitando ao sol
em folhas secas pelo princípio da tarde.

Há uma lenda entre esses seres
— da qual os mais novos têm medo —
em como há, quando se não quer
cavalos que quando galopam
se disfarçam com a minha cabeça.

Descanso ao longe próximo das lagoas.
O vento passando assim
dos eucaliptos próximo.

Escurece. Que horas serão na aldeia?

Mergulho os braços nas águas.
As aves entrecruzam-se. Afastam-se
e o silêncio poisa escuro
nas águas.

Oiço por instantes o vento. Revejo
a lua nas lagoas.
Alguém neste momento encara a noite
sente o frio
acende num gesto branco
a tocha antiga.

Entendem as folhas
a rapidez
com que se desprendem dos ramos.
Entendem as asas
a debilidade dos pássaros.

Acima de tudo
o que interessa a novembro
é as crianças poderem dizer
está vento
é sentirem-no arrebatá-lhes os cabelos
engolfar-se nos gorros
misturar-se na roupa quente.

Há uma criança na escola
que através dos vidros vê novembro —
e a meia-distância
ao lado do novembro
vê o anjo da guarda
a atirar pedras
lentamente contra a luz.

À noite
à ilharga do tempo
de mãos separadas
olhamos as estrelas.

Perdeste o isqueiro
e estás perturbada.
Tens razão:
deixaste para trás
um qualquer pertence
da realidade.

Hesitas se hás-de regressar
ao seu encontro
mas talvez te percas
exactamente aí
ao regressares.

Olha melhor as estrelas
é noite
e estamos à ilharga do tempo.

Percorres a visualização entre o pomar
e o pinhal
e surges menina espalhando claridade.

Encetas planuras ao sol
num fascínio pausado
depois penetras a luz
em fantásticas corridas.

Não sei quem te poderá ver
em tão delicado movimento!

Por onde passas descoses o tempo
deixas aberto
o princípio do sonho.

És tão linda
a pinha que lanças
a idade
a demora assim
és tão linda
borboleta ou água
talvez água lago
grande lago do bosque
lago do bosque
luz névoa menina
eu estou ali
mais à frente menina
vejo mal
mas oiço tão bem
oiço muito bem
estou ali mais à frente.

Trilho os bosques do vento
e dos rios colho rosas
na neblina das margens incertas.

Amor que ao longe descansas
no sol perfeito das clareiras
aguarda que já não tarda
a passagem ampla para os sonhos
o galope transbordante
a vertigem dos cavalos luminosos.

Já vejo nítida a candeia no arvoredor
e o vento chamar o dia
e a planície nascer do charco.

Como se o mar e a madrugada
estivessem submersos pelas ondas
havia água nos limites da água
na enchente dos nossos dias.

